**Dr. David Turner, Matthew
Aula 2A – Mateus 1: O Nascimento de Jesus**

Olá, aqui é David Turner. Bem-vindos à aula 2A. Vocês acabaram de assistir às aulas 1A e 1B, aulas introdutórias a Mateus.

Esperamos que estas informações sejam de algum valor para estabelecer o contexto para o conteúdo do livro, que agora começamos a expor. Vocês devem ter suas aulas suplementares, materiais suplementares, abertos nas páginas 8 e 9, que fornecerão a estrutura para esta aula. Ao começarmos a pensar em Mateus 1, enquanto descreve a genealogia e o nascimento de nosso Senhor Jesus, queremos pensar, antes de tudo, nos títulos do capítulo 1, versículo 1, e na cristologia que está implícita ali.

Embora a palavra Jesus no capítulo 1, versículo 1, seja obviamente um nome pessoal, o termo Messias ou Cristo deve ser visto como um título que indica o papel e o ofício supremos de Jesus no plano de Deus. Um estudo desta palavra na concordância seria muito útil para você. Tanto Christos, a palavra grega, quanto seu equivalente hebraico, Mashiach, estão relacionados à cerimônia de unção de um rei ou sacerdote para um ofício em reconhecimento à aprovação de Deus.

Êxodo 28, 1 Samuel 9 e 16, 1 Crônicas 29. Em algumas passagens do Antigo Testamento, o termo "ungido do Senhor" é um título para um rei divinamente aprovado, como em 1 Samuel 24.6, 2 Samuel 1.14, Salmo 22, Daniel 9.24, talvez. Durante o período intertestamentário, a especulação messiânica floresceu enquanto Israel refletia sobre a esperança profética de uma monarquia davídica restaurada.

A esperança messiânica estava ligada ao anseio de Israel pela vindicação escatológica de Deus e à consequente libertação de Israel da dominação gentílica. Em Mateus, Christos é um título-chave que retrata Jesus como aquele que cumpre o padrão histórico e a promessa escatológica do Antigo Testamento. Quando Mateus associa o filho de Davi, o filho de Abraão, ao Messias, o status único de Jesus é ainda mais enfatizado.

Filho de Davi é frequentemente um título messiânico em Mateus. Use uma concordância para encontrá-lo. Baseando-se em material do Antigo Testamento, como 2 Samuel 7:11-16, a chamada aliança davídica e o Salmo 91.

Filho de Abraão ocorre apenas aqui em 1:1, mas Abraão é mencionado em outras partes de Mateus (verifique sua concordância), como o israelita prototípico cujo status eminente no reino de Deus é inquestionável. A estreita ligação de Jesus com Abraão pode ser contrastada com a separação de João e Jesus dos líderes judeus de qualquer ligação com Abraão, 3:9 e 8:11. Talvez a ênfase de Mateus nos gentios, em muitas passagens deste evangelho, implique que em Jesus se cumpre a promessa de que todas as nações serão abençoadas por meio de Abraão. Agora, passamos a discutir a genealogia de Jesus em Mateus 1, versículos 2-17.

Após mencionar o Messias, Davi e Abraão em seu título em 1:1, Mateus usa um padrão quiástico em sua genealogia para mencionar Abraão, Davi e o Messias. A estrutura da genealogia é esclarecida por seu resumo em 1:17. Ela traça quatorze gerações de Abraão a Davi, quatorze gerações de Davi ao exílio na Babilônia e quatorze gerações do exílio ao Messias. Os leitores modernos devem estar atentos à tendência de descartar a genealogia como uma maneira tediosa e irrelevante de começar um livro sobre Jesus.

Para que Jesus seja o Messias, ele deve estar conectado a Davi e Abraão, como afirma 1:1, e a genealogia desenvolve essa conexão. No entanto, fica claro em 1:17 e em uma comparação com Lucas 3:23-37 que a genealogia não pretende ser um registro exaustivo ou cronologicamente exato da árvore genealógica de Jesus. Embora sejam fornecidas informações históricas genuínas, o propósito é principalmente teológico, não cronológico.

As três seções da genealogia giram em torno do Rei Davi e do exílio na Babilônia, como deixam claro os dois gráficos na página 9. Davi representa um dos pontos mais altos da narrativa do Antigo Testamento, e o exílio representa um dos pontos mais baixos. É provável que em Jesus, filho de Davi, Mateus veja alguém que restaurará um novo Israel de um exílio ainda mais deplorável do que o da Babilônia.

Mateus evidentemente escolheu quatorze gerações para estruturar sua genealogia porque Davi é o décimo quarto nome na genealogia, e quatorze é o valor numérico de Davi em hebraico. O uso dessa estratégia numérica por Mateus, chamada gematria, enfatiza a centralidade de Davi na história de Jesus, bem como a centralidade de um filho maior para o grande Davi. Nas quatorze gerações, de Abraão ao Rei Davi, Mateus demonstra a filiação de Jesus e o alinha como Messias com a realização histórica da promessa de Deus.

Nas quatorze gerações, de Davi ao exílio, Mateus relata o declínio de Israel sob o julgamento de Deus. E nas quatorze gerações, do exílio ao Messias, Mateus traça o propósito fiel de Deus em cumprir sua promessa, apesar da rebelião de seu povo. O livro de Bruner sobre Cristo sugere, de forma útil, que a genealogia pode ser visualizada como um N maiúsculo inclinado, e é a base para o gráfico da página nove.

Três questões na genealogia exigem uma discussão mais ampla. Primeiro, a questão do número quatorze, depois a razão pela qual Mateus incluiu as mulheres na genealogia e, finalmente, a relação da genealogia de Mateus com a de Lucas. A tabela na metade inferior da página nove dos seus materiais suplementares demonstra a discrepância no uso do número quatorze.

Isso mostra que apenas o segundo conjunto das chamadas quatorze gerações, na verdade, tem quatorze gerações. O primeiro e o terceiro conjuntos, na verdade, têm treze gerações. Estudiosos têm respondido a essa discrepância de várias maneiras.

É possível criar três conjuntos de quatorze nomes de algumas maneiras diferentes, se você esticar um pouco as coisas. Mas não acho que nenhuma dessas maneiras faça muito sentido. Você pode ler os comentários e ver como alguns deles tentam fazer isso.

Bromberg observa que a convenção literária antiga frequentemente alternava entre a tradução inclusiva do primeiro e terceiro conjuntos e a tradução exclusiva do segundo conjunto. Se isso for verdade, a mudança entre treze e quatorze é compreensível. Sugere-se que os nomes foram omitidos devido a erros na transmissão do texto, mas não há evidências manuscritas de quaisquer omissões.

Gundry resolve o problema no terceiro conjunto sugerindo que Mateus conta José e Maria como gerações separadas, mas isso quebra o padrão literário em 1:16 e parece contar a não geração de Jesus por José como uma geração. E há muitas outras sugestões ainda menos convincentes. No entanto, ao lidar com essa questão, Carson faz uma ótima observação em seu comentário, página 68.

O valor simbólico dos quatorze é mais significativo do que sua origem precisa. Mateus certamente conhecia aritmética tão bem quanto os estudiosos modernos, mas as convenções literárias de Mateus são antigas, não modernas. Pelos padrões modernos, a genealogia linear de Mateus é artificial porque não é exaustiva.

Mateus omitiu três nomes encontrados em 1 Crônicas 3:10-14, entre Salomão e Josias, e outras omissões também podem ser notadas. Mas não é que Mateus tenha cometido um erro, visto que não pretendia trabalhar de forma exaustiva e precisa. O fato de Davi ser o 14º nome na genealogia, juntamente com o significado simbólico do número 14 como valor numérico do nome de Davi, contando em hebraico Daleth 4 mais Vav 6 mais Daleth David 6, que é igual a 14, explica a artificialidade desta genealogia.

Agora, vamos à questão das mulheres na genealogia. A segunda característica da genealogia que merece comentário é a inclusão das mulheres. É geralmente reconhecido que as mulheres raramente são incluídas nas genealogias judaicas, que geralmente são patrilineares, ou seja, baseadas no pai.

Para algumas exceções, veja Gênesis 11:29, 22:20-24, 35:22-26, e também 1 Crônicas 2 e 7. Várias explicações foram propostas para a presença das mulheres, mas nenhuma delas é totalmente convincente. Desde os tempos dos Pais da Igreja, propõe-se que Mateus inclua as mulheres como pecadoras prototípicas que Jesus veio salvar. Assim, as mulheres ocupam seu lugar na narrativa ao lado dos magos, do centurião romano, da mulher cananeia e de outros em Mateus que testemunham a graça de Deus.

Uma visão semelhante defende que todas essas mulheres eram culpadas de uma união sexual escandalosa. Certamente, Tamar e especialmente Raabe eram culpadas de tais pecados, mas este não parece ser o caso de Rute e Bate-Seba. O relato do Antigo Testamento sobre o adultério de Bate-Seba com Davi, em 2 Samuel 11, parece caracterizá-la como vítima passiva da agressão de Davi.

O contato noturno de Rute com Boaz em Rute 3:13-19 não é uma cena sensual de sedução, mas envolve uma proposta de casamento a um parente, conforme prescrito na lei do Antigo Testamento sobre o parente redentor. Outro problema aqui diz respeito à intenção de Mateus em listar essas mulheres ao lado de Maria, cujo caráter virtuoso é enfatizado. A menos que Mateus pretendesse que essas mulheres contrastassem com Maria, faz pouco sentido mencioná-las.

Outra abordagem popular para essa questão afirma que todas essas mulheres eram gentias, o que tipifica a intenção de Mateus de enfatizar que o evangelho era para todas as nações. Isso é demonstrado repetidamente na narrativa e culmina na conclusão do livro. Tamar e Raabe eram cananeias, Rute era moabita e Bate-Seba era evidentemente hitita, como seu marido Urias.

Contra isso, argumenta-se que a tradição judaica geralmente via essas mulheres como prosélitas virtuosas, mas suas origens gentílicas não seriam negadas por isso, o que as tornaria protótipos ainda melhores da ênfase de Mateus na missão aos gentios. O problema em relacionar essas mulheres a Maria permanece, no entanto, e se essa visão for adotada, deve-se presumir que Mateus não pretendia que essas mulheres fossem típicas de Maria. Parece que a inclusão dessas quatro mulheres notáveis e até notórias por Mateus em sua genealogia ainda não foi explicada satisfatoriamente.

Certos elementos de todas as visões têm mérito. Talvez o principal a ser dito seja que a presença dessas mulheres na genealogia implica a ênfase posterior de Mateus na missão universal do Evangelho e seu foco posterior na verdadeira piedade. A graça de Deus em Jesus, o Messias, alcança além de Israel, os gentios, além dos homens, as mulheres, além dos hipócritas, os pecadores.

Ao salvar seu povo dos pecados, Jesus não se limita à raça, ao gênero ou mesmo aos escândalos passados na vida. Agora, passo para outra área da discussão na genealogia de Mateus, que envolve compará-la com a de Lucas. Enquanto a genealogia de Mateus rastreia seletivamente e, portanto, de forma um tanto artificial, os ancestrais de Jesus desde Abraão, Lucas aborda esse assunto de forma mais abrangente, desde Jesus até Adão.

Há mais de 60 pessoas mencionadas por Lucas que não são mencionadas por Mateus. Lucas tem 21 gerações pré-abraâmicas e 14 gerações entre Abraão e Davi, uma a mais do que as 14 de Mateus. Entre Davi e Salatiel, Lucas tem 21 gerações, enquanto Mateus tem 15.

De Salatiel a Jesus, Lucas tem 20 gerações, enquanto Mateus tem 12. A sintaxe das genealogias difere, pois Mateus segue o padrão "A era pai de B", enquanto Lucas utiliza o genitivo de parentesco, "A era filho de B". O contexto também difere. Mateus situa sua genealogia no início de seu evangelho, enquanto Lucas a intercala entre seus relatos do batismo e da tentação de Jesus.

A estrutura de 3 x 14 gerações de Mateus é transparente em sua genealogia, mas há muita discussão sobre a possibilidade de uma estrutura para Lucas. Algumas pessoas pensam que ele tem uma estrutura do tipo 11 x 7. Ao analisar as duas genealogias, foi interessante alinhá-las lado a lado em um pedaço de papel e, de certa forma, listá-las e observar as diferenças.

As convergências e divergências são bastante interessantes. A divergência é mais proeminente do que a convergência. Entre Abraão e Jesus, Lucas tem 56 gerações, e apenas 12 delas convergem com as 42 gerações de Mateus.

A convergência ocorre com mais frequência durante o período pré-monárquico e, depois disso, há muito mais divergência. Agora precisamos refletir brevemente sobre a questão da historicidade. Ambas as genealogias têm seus problemas históricos individuais, e problemas adicionais surgem quando comparadas.

Pessoas são mencionadas nas genealogias que não aparecem no Antigo Testamento ou em qualquer outro lugar. Pessoas em uma genealogia não correspondem às pessoas na outra. Nesse ponto, a perspectiva teológica geral de cada um informa a exegese.

Estudiosos céticos quanto à exatidão histórica dos Evangelhos tendem a depreciar a historicidade das genealogias e a se desesperar completamente por tentar alcançar qualquer consenso sobre os problemas. Tais estudiosos veem as genealogias como construções teológicas com fundamentos históricos duvidosos. Há, é claro, outros que preferem permanecer na ignorância das dificuldades, enquanto proclamam uma fé que não deseja ser confundida pelos fatos.

No entanto, há boas razões para aceitar a confiabilidade histórica dos Evangelhos, e aqueles que se comprometem com ela, como Craig Blomberg em seu livro "A Confiabilidade Histórica dos Evangelhos", apontam soluções plausíveis, embora não nos satisfaçam totalmente. No fim das contas, fica claro que a perspectiva teológica geral do intérprete é decisiva. Os evangélicos devem admitir que existem dificuldades insuperáveis em resolver completamente todos os problemas nas genealogias, mas isso não equivale a uma capitulação da autoridade bíblica.

Embora não haja evidências suficientes para resolver todas as dificuldades, também não há evidências suficientes para falsificar o registro bíblico. Sem dúvida, ambas as genealogias se baseiam em tradições disponíveis para Mateus e Lucas, que eles transmitiram de boa-fé. Mateus e Lucas tinham propósitos distintos ao compor suas respectivas genealogias, e nenhuma de suas intenções era resumir exaustivamente a linhagem biológica de Jesus.

Com isso em mente, muitas das dificuldades são mais compreensíveis, se não solucionáveis. Dificuldades e propósitos distintos à parte, tanto Mateus quanto Lucas afirmam a ascendência abraâmica e davídica de Jesus, bem como sua concepção milagrosa pela Virgem Maria. Outra área de preocupação teológica são os respectivos propósitos das genealogias em seus contextos literários.

Mateus usa sua genealogia principalmente para fins cristológicos, a fim de demonstrar a ascendência abraâmica e davídica de Jesus, o Messias, ao mesmo tempo em que o mostra como o cumprimento das promessas de Deus. Além disso, a presença das mulheres, provavelmente gentias, sugere a agenda de Mateus para uma missão universal a todas as nações. Agora, passamos da questão da genealogia em 1:12-17 para o uso de Isaías 7:14 em Mateus 1:23. No cerne da passagem sobre o nascimento milagroso de Jesus, encontrada em 1:18-25, está a citação de Isaías 7:14 em 1:23. Em Isaías 7, o rei Acaz, da Judeia, está sob ameaça de ataque pelos reis da Síria e de Israel.

Mas Deus promete a Acaz que essa ameaça de ataque não acontecerá e o convida a pedir um sinal para isso. Acaz se recusa, mas Deus fornece um sinal mesmo assim. A Virgem dará à luz um filho.

A citação desta passagem por Mateus deu origem a três principais abordagens interpretativas, que podem ser caracterizadas como tipológicas, preditivas e de cumprimento múltiplo. Uma visão tipológica enfatiza a imediatez do sinal para Acaz, 7.14a e 16, e os possíveis cumprimentos de Isaías 7:14 em um futuro próximo no contexto do Antigo Testamento, como em Isaías 8, versículos 3 e 4, versículo 8, versículo 10 e versículo 18. Assim, Isaías 7:14 é visto como um sinal para Acaz, que se cumpriu durante seus dias, e Mateus vê na passagem um padrão histórico que atinge seu cumprimento culminante com Jesus.

Uma jovem nos dias de Isaías concebeu um filho significativo que serviu como sinal de libertação para Acaz na casa de Davi, Isaías 7, versículos 2 e 13. Mas, muito mais significativamente, uma jovem nos dias de Mateus, que era literalmente virgem, concebeu pelo Espírito um filho de suma importância para a casa de Davi, a casa de Israel e todas as nações da Terra. Nos dias de Isaías , o filho era um símbolo da presença divina e da libertação.

Nos dias de Mateus, o filho era ele mesmo, Deus conosco, o libertador do seu povo. A segunda visão, a visão preditiva, considera Isaías 7:14 como uma previsão do eventual nascimento milagroso do Messias de uma mulher que era literalmente virgem. Mateus interpreta essa profecia preditiva literalmente e a vê como uma previsão do nascimento de Jesus, e somente de Jesus.

Assim, a profecia transcende as dificuldades contemporâneas enfrentadas pelo rei Acaz e aponta para um sinal no futuro. No entanto, o significado avassalador do sinal transcende seu significado temporal. Os defensores dessa visão argumentam que o nascimento normal de um filho de uma jovem, conforme exigido pela visão tipológica, teria pouca ou nenhuma força como sinal para o rei Acaz.

Além disso, eles acreditam que somente a visão preditiva faz justiça ao nome do filho, Emanuel. A força da visão tipológica reside em seu foco no contexto histórico da profecia original, e a força da visão preditiva reside em seu foco no cumprimento do Novo Testamento. A terceira visão, o cumprimento múltiplo, busca extrair elementos de ambas as forças.

Nessa abordagem, a profecia prevê não apenas um cumprimento parcial nos dias de Acaz, mas também um cumprimento culminante nos tempos do Novo Testamento. O profeta humano Isaías pode não ter compreendido isso completamente, mas, afinal, a profecia é do Senhor e Isaías é apenas o mensageiro. Tal sensus plenior , ou significado mais completo, foi pretendido pelo autor divino, embora não totalmente compreendido pelo autor humano.

Não se deve ser dogmático nesta questão, visto que cada posição tem defensores e argumentos credíveis. No entanto, parece-me que a visão tipológica é a melhor por várias razões. O tempo nos impede de nos aprofundarmos nelas.

Talvez você tenha a oportunidade de pesquisar isso por conta própria mais tarde. Mas, nessa visão tipológica, que me parece a melhor, Mateus está lendo Isaías 7 como um discípulo de Jesus, o Messias. A profecia de Isaías adquire um novo significado.

Mateus não criou a narrativa do nascimento virginal como um midrash ou um comentário imaginativo sobre Isaías 7. Ele também não considerou Isaías 7 sob inspiração como uma predição intencional do nascimento virginal de Jesus. Em vez disso, ele viu os motivos do oráculo em Isaías 7, particularmente sua ênfase na casa de Davi. Isaías 7, 2, versículo 13.

Isaías 9:7. Também uma jovem dando à luz um filho. 7:14 a 16; 8:3 e 4. E a presença de Deus com o seu povo. Isso é crucial em 7:14, 8:8 e 8:10.

Mateus via tudo isso à luz do nascimento milagroso do Messias. Ele estava obviamente ciente desses motivos Isaías , bem como das previsões futuras específicas de Isaías sobre o Messias no seguinte contexto, como Isaías 9:1 a 7, que Mateus cita em 4:15 e 16, e Isaías 11:1 a 5, que também parece ser o pano de fundo em Mateus.

Também, Isaías 42, versículos 1 a 4, citado em Mateus 12, versículos 18 a 21. Esses temas em Isaías 7 e 8 anteciparam e apoiaram a mensagem de Jesus, o Messias, como Mateus a entendia e desejava comunicá-la. Em Jesus, o Messias, a casa de Davi culminou.

A concepção virginal de Jesus, o Messias, por Maria representou um sinal infinitamente maior para Israel, e Jesus, o Messias, era o próprio Deus com a nação de Israel. Que Jesus é Deus com seu povo é um tema recorrente em Mateus. Jesus está com seus discípulos quando a tempestade chega, e ele os salva dela.

Ele está com eles quando são recebidos ou rejeitados enquanto pregam o seu reino. Ele está com eles quando lidam solenemente com ofensores intratáveis em sua nova comunidade. Veja passagens como 8:23 a 27, 10:25, 40, 17:17 e 18:15 a 20.

Ele também se identifica com as experiências deles, pois os vê como seus próprios, seus irmãos mais novos, por assim dizer, em Mateus 25, versículos 40 e 45. De fato, a referência final ao tema Deus conosco conclui o Evangelho e cria uma inclusio que envolve todo o Evangelho com esse motivo. À medida que a Igreja obedece ao seu mandato de discipular todas as nações, Jesus promete continuar sua presença com a Igreja todos os dias, até o fim dos tempos.

Todas as complexidades envolvidas na forma como Mateus 1:23 cita Isaías 7:14 nos levam ao próximo tópico da nossa discussão: a compreensão de Mateus sobre cumprimento. É comum entre os leigos pensar que, sempre que se usa a palavra cumprimento no Novo Testamento, uma profecia preditiva específica do Antigo Testamento é mencionada como tendo sido cumprida em um evento específico do Novo Testamento. Mas um estudo do material em Mateus, onde o termo cumprimento é usado, não corroborará essa ideia.

De fato, você descobrirá que, às vezes, o cumprimento tem a ver com a ética do Antigo Testamento, sendo cumprido pela retidão de Jesus. Às vezes, há padrões históricos, como acabei de argumentar em Isaías 7:14, que são levados ao cumprimento total pelos eventos históricos em Jesus. E, novamente, certamente há material preditivo que também se cumpre.

Mas, além da noção preditiva, precisamos também trazer o histórico e o ético. No que diz respeito à ética, você precisará refletir sobre passagens como o batismo de Jesus, onde Jesus diz que ele é aquele que cumpre toda a justiça e ordena que João o batize. Da mesma forma, no final de Mateus 23:32, em uma passagem muito séria, Jesus aponta que a iminente crucificação preencherá a medida do pecado dos ancestrais dos contemporâneos de Jesus.

Um padrão histórico de rejeição dos profetas por Israel se cumpre, por assim dizer, com a rejeição de Jesus. Outra passagem que fala em termos de ética seria o 517, onde Jesus disse que não veio para destruir, mas para cumprir. Ele não menciona apenas os profetas, o que pode nos levar a pensar em termos de predição, mas diz que veio para cumprir a lei e os profetas, o que significa que ele é aquele que cumprirá a retidão exigida pela lei do Antigo Testamento por meio de sua vida santa.

Há outras 13 passagens que você pode identificar na lista anterior que fornecemos sobre o uso de Mateus no Antigo Testamento, algumas páginas atrás, em seus materiais suplementares. Observe as passagens marcadas com um asterisco ali, e você as verá. Há 13 delas: 10 nos comentários narrativos de Mateus e três das palavras de Jesus.

Eles falam do cumprimento do Antigo Testamento de alguma forma. Quatro desses 10 ocorrem na narrativa da infância, apenas em Mateus, capítulos 1 e 2. Observem-nos rapidamente comigo. Mateus 1, versículos 22 e 23, cita Isaías 714, que, como argumentamos, não é uma previsão estrita de um futuro Messias nascido de uma virgem, mas um cumprimento tipológico.

Da mesma forma, em Mateus 2:15, Oseias 11:1 é citado, o que, ao que me parece, também é uma questão tipológica, onde a viagem de Jesus ao Egito é o cumprimento do padrão histórico do êxodo de Israel do Egito. Mateus 2:17 cita Jeremias 31:15, que personifica a nação de Israel no exílio babilônico como Raquel chorando por seus filhos mortos. Um choro semelhante, porém muito mais significativo, por crianças mortas ocorreu quando Herodes ordenou o massacre dos bebês da região de Belém.

Mas Jeremias 31:15 não parece ser uma previsão específica. Mateus 2.23 fala do cumprimento de profetas plurais na mudança de Jesus para a obscura vila de Nazaré. É muito difícil entender exatamente quais passagens do Antigo Testamento Mateus tinha em mente aqui, mas, novamente, parece mais provável que haja um padrão histórico em mente.

Passagens adicionais que usam a palavra cumprimento são Mateus 4:14, citando Isaías 9:1 e 2; Mateus 8:17, citando Isaías 53:4; Mateus 12:17, citando Isaías 42:1-4; Mateus 13:35, citando o Salmo 78:2; Mateus 21:4, citando uma combinação de Isaías 62:11 e Zacarias 9:9; Mateus 27:9, encontrando o cumprimento de Zacarias 11:12 e 13. Nos lábios do próprio Jesus, há três passagens que falam dessa maneira. Mateus 13:13-15 faz alusão a Jeremias 5:21 e Isaías 6:9-10. As outras duas ocorrências de Jesus falando do cumprimento do Antigo Testamento ocorrem no mesmo contexto em Mateus 26:54-56. Provavelmente esta é uma alusão às escrituras sendo cumpridas, tendo em mente Zacarias 13:7, mas não está claramente declarado ali.

Portanto, você pode ler essas passagens por conta própria, e elas certamente lhe darão muito o que pensar. Para concluir a discussão sobre a compreensão de Mateus sobre o cumprimento, foi estabelecido que o cumprimento do Antigo Testamento em Mateus conota conotações éticas, históricas e preditivas, não apenas preditivas. Essas categorias não são discretas, mas se sobrepõem.

Cumprimentos individuais podem conter elementos de todos os três. Às vezes, o elemento ético é preeminente, como em 3:15 e 5:17. Em outras ocasiões, o cumprimento da predição do Antigo Testamento é primário, em 4:14, 8:17, 12:17, 21:4, 26:54 e 56. Mas provavelmente o aspecto mais prevalente do cumprimento em Mateus diz respeito aos padrões históricos, como 1:22, 2:15, 17, 23, 13:14, 35, 23:32 e 27:9. Eventos na história redentora do Antigo Testamento antecipam eventos no ministério de Jesus, e Jesus os preenche com novo significado.

Até mesmo os oponentes de Jesus têm seus precursores no Antigo Testamento. Ao recapitular esses eventos do Antigo Testamento, Jesus demonstra a providência de Deus no cumprimento de suas promessas a Israel. Como implícito na genealogia, a história redentora do Antigo Testamento é cumprida por Jesus, o Messias, filho de Abraão e de Davi.

E agora concluiremos nossa palestra sobre Mateus 1 com um resumo deste capítulo. É óbvio, mesmo para o leitor casual, que cada um dos quatro Evangelhos começa de forma única. Marcos começa da forma mais concisa e coloca o leitor no início do ministério de Jesus, no capítulo 1, versículo 9. O prólogo joanino em 1 :1-18, a respeito do Verbo que se fez carne, define o tom para muitos dos temas do Evangelho de João.

Somente Mateus e Lucas contêm material sobre a infância e os primeiros anos de Jesus, embora raramente se sobreponham. Todos os quatro Evangelhos, no entanto, enfatizam o ministério preparatório de João Batista antes de iniciarem o ministério de Jesus. A história de Mateus sobre a origem de Jesus começa com um título em 1:1 e uma genealogia em 1:2-17, que revela quem é Jesus.

Mateus prossegue com o relato de seu nascimento milagroso em 1:18-25, que mostra como Jesus veio ao mundo. À medida que a narrativa de Mateus prossegue, ele prossegue com os eventos que cercam a chegada dos misteriosos magos, a permanência de Jesus no Egito e seu retorno a Nazaré, mostrando onde Jesus viveu. Esse material singular de Mateus conduz à história compartilhada do ministério de João, 3:1-12, do batismo de Jesus, 3:13-17, e da tentação de Jesus, 4:1-11. Tudo isso abre caminho para o início de seu ministério, 4:12 e seguintes, ao mesmo tempo em que introduz o leitor a temas cruciais de Mateus, como a filiação de Jesus e seu papel no cumprimento do Antigo Testamento.

Este é o final da apresentação 2A do Dr. David Turner sobre o Evangelho de Mateus.